

DOSSIÊ

“Meu avô foi o primeiro a encontrar os soldados na floresta”¹

MURUÉ SURUI

Boa tarde. Meu nome é Murué Suruí, sou indígena *Surui Aikewara*. Eu vou falar um pouco sobre o início da *guerrilha*, como foi que aconteceu, que meu avô me contou.

Meu avô, o Umassu Surui, ele foi o primeiro a encontrar com os soldados na floresta. Ele tinha vindo para a cidade, ele conta, que uma casa da *aldeia* tinha sido incendiada, e como as nossas *moradias* são muito próximas umas das outras, todas queimaram juntas, então acabou com tudo na época. Queimaram as redes, as roupas. Aí o padre, se não me engano era o frei Frei Gil Gomes Leitão, pediu, ele fez uma carta, um bilhete ao comerciante de São Domingos do Araguaia, para mandar esses *mantimentos* que tinham sido queimados. Meu avô veio em busca desses mantimentos, em São Domingos. E quando ele estava retornando, ele disse que tinha visto em São Domingos um monte de *marehai* (soldado) que a gente fala, em helicópteros, carro. Aí ele disse que também ficou sem entender. Aí ele pegou as coisas, e voltou para a *aldeia*.

Na época, só se tinha acesso a *pinicadas*, com animais, que era jumento, que ele diz que estava montado num jumento. E ele, retornando para a aldeia, encontrou com esses policiais na floresta. Ele foi confundido com um dos *guerrilheiros*, então os policiais foram superagressivos com ele, mandando ele descer do jumento, pensando que ele era um dos *guerrilheiros*. Então, ele disse também que começava a falar, e aí foi que ele falou na *língua*. Começou a falar na *língua*, aí foi que os soldados perguntaram se ele era *índio* – disse que sim. Então ele seguiu viagem, deixaram ele seguir.

Quando ele chegou na aldeia, ele contou para a minha avó o que tinha visto. E, então, acho que uns dois dias depois, esses soldados chegaram na aldeia. Então, pegaram eles, porque na época a gente era bem pouquinho. Foram esses 14 mesmo, mas era em torno de 20, 40, só que aí entre crianças e adultos, então, adulto era bem pouco.

Tanto é que hoje em dia em nossa aldeia existem mais crianças, jovem, que idosos. Muitos já se foram, tem os que resistem ainda, e estão lá firmes e fortes – mas, no ano passado, ou retrasado, nós perdemos mais um *guerreiro*, que é o (Sawara’á Surui), que é o meu tio. E assim está indo.

1 (N.E.) Título atribuído pelos organizadores do dossiê.

Bom, vim falar, então, sobre como eu fui participar desse filme. Na verdade, o que falaram para gente que ia ajudar nesse processo que o povo colocou na Comissão de Anistia.

Então, eles chegaram lá, com a filmagem e tudo, para fazer esse filme, disse que seria praticamente um depoimento, e depois a gente ficou sabendo que era um filme. Tanto é que ele não serviu para o processo mesmo. Depois, foi a equipe da Iara [Ferraz]. A Iara foi lá junto com o Orlando Calheiros e a Manayra, e colheram os *depoimentos*, estes, sim que serviram. Então, em 2014, teve um julgamento, e foram anistiados, teve pedido de desculpas. E aí, junto com isso, tem o livro que a gente está querendo lançar, mas a gente ainda não tem... tem que ter editora, essas coisas.

Eu, na escola, o que eu faço? Sou professora formada pela UEPA, e agora estou fazendo a pós-graduação sobre a *língua indígena*, justamente porque nos períodos que se passaram, na época, nossos avós, minha mãe, eles praticamente perderam a língua. Hoje, a geração de hoje não fala muito a língua, embora entendam, mas não conseguem falar. Também, por conta da *tecnologia*, que teve todo esse *avanço* dentro da *aldeia*, porque o Exército abriu o que era uma *pinicada*, agora é uma BR que passa dentro da nossa *TI Sororó*, a BR-153, que foi aberta justamente para facilitar o tráfego dos soldados de São Geraldo até Marabá, Xambioá, na verdade, que era a base.

É sobre, também, a chegada desses *soldados*, a minha avó conta que as crianças vendo aqueles helicópteros chegando, com aquele vento que fazem, as crianças choravam. Pegavam, ficavam segurando a perna delas. E na época também, acho, que ela estava grávida da minha mãe, e teve a minha mãe longe do esposo dela, meu avô, que estava com esses soldados na *mata*. Logo depois ela engravidou de novo, porque eles iam e depois devolviam esses homens por algum período, ou quando adoecia. Então ela engravidou outra vez. Só que aí, devido à necessidade, eu acho – eu tenho para mim –, porque ela disse para mim que a outra gravidez não foi para frente. Ela teve um aborto, e eu pergunto para ela se foi por medo, alguma coisa, e ela diz que acha que foi por medo, porque os policiais não deixavam eles saírem da casa, nem para ir para o igarapé; tinha um tempo determinado, as crianças também não podiam brincar, aliás, não podiam buscar comida na *roça*. Nós produzimos o *alimento* nosso na *roça*, na época foi proibido, porque os soldados poderiam confundi-los com os *guerrilheiros*. Então, tudo isso, eu creio, que levou a minha avó a ter esse aborto. Aí teve essa *reparação* em 2014, meu avô foi um dos anistiados, só que eles não receberam tanto quanto os *camponeses*. Receberam o mínimo que se pode receber, os *camponeses* receberam um valor, e eles receberam outros. Além de não serem anistiados coletivamente, que era essa outra *reserva*, a Tuwa apekuog kwera) que chama, lá que está a nossa argila, para a gente fazer as nossas *panelas de barro*; a gente não tem mais essa *cultura* de fazer panela, que antes era bem forte entre nós. Eu nunca fiz, porque eu sou de 1990, acho que nessa época não tinha mais, a gente não frequentava mais essa reserva que tem essa *argila*. Mas aí minha avó me conta. Porque lá, é assim, a gente vai passando, as nossas *histórias* são passadas oralmente, então, por isso que a parte da universidade foi importante. Meu avô dizia “Vocês estudem! Para vocês escreverem, porque a gente não vai mais estar aqui para contar”. Então, o que ela me fala eu vou escrevendo, para ficar registrado, para nunca acabar a memória dela, de meus avós, dos meus tios.

[Mostrando um mapa, N.E.] Aqui essa listinha é a BR-153 que corta, e aqui as fazendas. Vejam que esse verde mais escuro é a *mata* e aqui é só *fazenda* de gado. Aqui ainda não temos soja, mas a gente tem medo que chegue lá. Ao redor só é fazenda de gado.

E ontem, antes de eu vir para cá, meu avô chegou lá assustado, disse que o fazendeiro vizinho estava jogando veneno de avião. A gente ouviu. Tem a aldeia Sororó, e a fazenda. A gente estava com medo de contaminar a nossa água, porque a gente vê muito isso com outros indígenas essa questão, principalmente no Estado de Mato Grosso, que eles jogam veneno para cultivar a plantação de capim deles, então a gente ficou com medo de que chegasse à nossa aldeia que está muito próxima.

Queria falar das queimadas. Aqui, como o tráfego é muito forte de carros, sempre eles jogam, em época de verão, em julho, jogam cigarros, ou queimam mesmo por maldade. Aí queima tudo aqui. Teve uma época que teve um incêndio que queimou parte da TI Sororó.

Hoje a gente tem sete *aldeias*. A aldeia Sororó é a maior de todas com 80 famílias e 360 habitantes, juntando as outras aldeias são quase 165, mas aí tem a aldeia, que se não me engano, são mais de 50 – eram 40, e está crescendo mais.

Aqui, além dos fazendeiros, ainda tem pessoas da cidade que vai caçar, eles vão caçar aí dentro, aí nossos *alimentos* estão ficando escassos, porque já é pouca terra para muita gente, e aí vai gente de fora, e ainda vai caçar animais lá dentro. É por isso também a ideia das aldeias terem se espalhado ao redor, para ver se protege um pouco mais, porque era muito grande.

E todo ano tem queimada, todo ano tem. Aí teve a ideia de criar o programa Prevfogo – quer dizer, já tinha, mas não eram os indígenas, aí, agora tem os indígenas. Nessa época do ano, que é o verão para nós, de maio até o final de novembro, esses indígenas recebem uma remuneração durante seis meses, são os meses mais críticos, para tentar controlar o fogo. Na verdade, era para prevenir, só que aí não consegue, porque como a gente é rodeado, a gente está ilhado, é gente pra todo canto que não gosta da gente, porque querem a nossa terra.

Este ano que passou queimou todos os açazais, ficou muito feio, porque uma coisa sem vida. Quando a gente vê que era todo bonito, cheio, porque açazal é uma coisa bonita, verde. E aí não tem mais. Eles plantam e distribuem também para a comunidade estarem ajudando. A comunidade, junto com ele, está plantando novos alimentos frutíferos para a gente.

E depois, não é só o impacto de matar nossos animais. Tem problema respiratório. Depois, quando acaba o fogo, à noite, é muita fumaça na *aldeia*, a pessoa não consegue respirar, às vezes o vento vem, e dependendo de onde queimou tem muita fumaça. Aí vem problemas respiratórios nos nossos velhinhos, às vezes adoecem as crianças, que são os mais vulneráveis – todos somos, mas as crianças e os idosos, eles são mais.

Só que aí a gente não se entrega. Tem a parte que a gente festeja os nossos antepassados que morreram, é o *caruara*, uma festa que acontece de quatro em quatro anos, e que para nós é sagrada, exige muito respeito por parte de todos os integrantes.

Essa foi minha apresentação. Obrigada.

Reação às intervenções da audiência

- Igreja na aldeia

Hoje ela está dentro da aldeia, não está vizinha. A igreja evangélica, porque antes era só católica. Hoje praticamente todos os indígenas lá da minha aldeia são evangélicos. Por uma parte, eu vejo que teve benefícios, porque muitos, tem a questão da bebida alcoólica na aldeia, lá tinha. E com essa igreja dentro, não tem, é proibido. Mas também ela rouba a cultura, os costumes, como, por exemplo, cortar o cabelo, que a nossa cultura, quando um parente é falecido, a gente corta – a igreja não deixa; ela diz que não proíbe, mas ela ensina isso para a pessoa, ela fala que é pecado, então muitos não seguem mais esse costume. Quando a gente se pinta, fica sem sutiã, e pinta o corpo – a igreja também não deixa, porque diz que é pecado estar expondo as suas partes íntimas.

Hoje, muitos não obedecem essas leis da igreja, mas tem uns que já tem aquele estudo, e aí vai da compreensão de cada um. Eu não sou evangélica, eu não tenho essa visão de que é pecado cortar o cabelo, de que não pode se pintar, só que, assim, como falei, teve esse benefício de não ter bebida alcoólica. Mas não são todos que seguem; muitos desistem da igreja às vezes.

Murué Suruí cursou a Licenciatura Intercultural Indígena (UEPA 2012-2016), fez a Pós-graduação Educação Escolar Indígena na mesma instituição (2017-2019) e é também Técnica em enfermagem (Escola Europa 2017-2019.)

“MEU AVÔ FOI O PRIMEIRO A ENCONTRAR OS SOLDADOS NA FLORESTA”

Resumo: Neste depoimento Murué Suruí (Aikewara) rememora como seu avô contava sobre a guerrilha do Araguaia nas terras do seu povo, explicando também porque é insuficiente a reparação individual para 14 Aikewara, defendendo que possam ser reparados coletivamente.

Palavras-chave: Aikewara; Guerrilha do Araguaia; Reparação.

“MY GRANDFATHER WAS THE FIRST TO FIND SOLDIERS IN THE FOREST”

Abstract: In this testimony Murué Suruí (Aikewara) remembers how his grandfather used to tell about the Araguaia guerrilla in the lands of his people, also explaining why individual repair for 14 Aikewara is insufficient, arguing that they can be repaired collectively.

Keywords: Aikewara; *guerrilla* of Araguaia; Reparation.

RECEBIDO: 04/11/2019

APROVADO: 04/02/2020